

Suplemento



Futebol Clube da Ribeira Grande

Mário Moura

Em busca do Águia e do Ideal III: a memória escrita

Futebol Clube da Ribeira Grande (1956-1961): A História de uma desilusão

Porquê juntar os trapinhos?

‘O campo que nunca chega o campo que já chegou Teófilo está no Águia e Ideal arreventou!’

Segundo o Padre Edmundo Manuel Pacheco, primeiro Presidente eleito do *Futebol Clube da Ribeira Grande* (Testemunho: 12.06.2002), ‘o Governador Civil de então, Dr. Carlos Paiva, tomou a iniciativa de fundir clubes de futebol da ilha de S. Miguel. Previa-se para Ponta Delgada três grupos dos cinco existentes e para a Ribeira Grande apenas um, fundindo-se por conseguinte, Águia e Ideal. Porque existiriam clubes a mais para os recursos disponíveis. Seria bom, caso se se quisesse tornar o futebol mais competitivo, reunir esforços. Conseguisse atingir este desígnio na Ribeira Grande, mas não em Ponta Delgada. Não me recordo quais os grupos que se opuseram, se não me erra a memória, desapareceriam o União Sportiva e o Micaelense’.

Águia e Ideal, apesar dos esforços, não tinham tido qualquer sucesso na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Os dirigentes dos dois clubes, presumirem ser um bom negócio para o futebol de Ribeira Grande, ‘juntar os trapinhos.’

Preparativos: Fusão e criação do novo clube

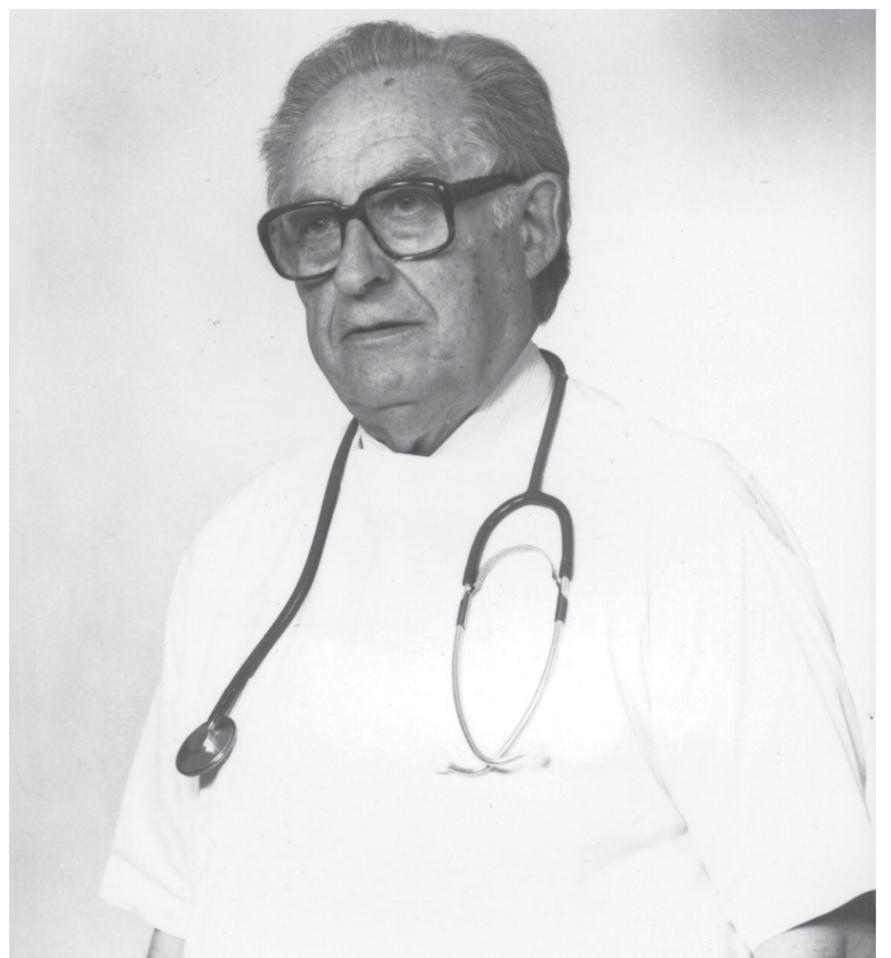
E assim foi. Em Acta da Câmara Municipal de Ribeira Grande, de 14 de Março de 1956 (AMRG, liv. 82, fl.81), esta autarquia transcreve o teor de carta de

dirigentes do Águia e do Ideal, na qual expunham ‘a necessidade dos mesmos grupos se fundirem num só e pedindo autorização para no Salão da Biblioteca Municipal realizarem uma reunião (...) presidida pelo Excelentíssimo Presidente desta Câmara’. A Câmara, na mesma acta, ‘deliberou ceder o Salão da Biblioteca, para tal fim e o Excelentíssimo Presidente ficou de ir assistir à reunião.’ A Biblioteca Municipal situava-se, então, na rua de Nossa Senhora da Conceição.

Notícia de 7 de Abril, vinda a lume no *Açoriano Oriental*, porém, ainda referia a participação do Ideal e do Águia, na condição de extra-torneio, na Taça Venezuela. Todavia, não temos notícia de que tal jogo se tenha efectuado.

Seja como for, a Assembleia Extraordinária do Ideal, de 30 de Abril de 1956, desconhecemos se houve uma para o Águia, discute e delibera ‘(...) a fusão desta agremiação desportiva à do Águia Futebol Clube (...) A maioria dos sócios presentes em número de vinte, concordaram na referida fusão, a qual deverá actuar no início da próxima época.’ Entre os que assinaram, reconhecem-se: Manuel Nunes Coelho (presidente da Assembleia) Jaime Melo, Jaime Oliveira Rocha, José Francisco de Melo, Artur Medeiros Brilhante, Francisco Leite Ribeiro e Luís Augusto da Ponte Furtado.

O *Diário dos Açores*, de 9 de Julho, anota que o *Clube Desportivo Santa Clara* havia vencido a 8 de Julho por 3-1 ‘um misto daquela vila’. Seria já o embrião do *Futebol Clube da Ribeira Grande*? Provavelmente.



Dr. Joaquim Fortes Sampaio Rodrigues: 1.º Secretário da Assembleia Geral

Preparativos: processo de legalização do clube

Porém, só em Novembro, numa terça-feira, realizar-se-iam as eleições para os corpos gerentes do novo clube, conforme o jornal

A Ilha de 10 de Novembro de 1956. Repetir-se-iam para cumprir com formalidades impostas pela Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Na Acta n.º 3, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, de 9 de Outubro de

TALHO E SALSICHARIA

IDEAL

Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos





Uma equipa da F.C. Ribeira Grande, de acordo com Armindo Moreira da Silva.

1.º plano – da esquerda para a direita: Manuel Garcia, Amarino Franco, Manuel Puga, Luís Tavares, Fernando China, Manuel Anselmo, Albano Rebelo;

2.º plano – Renato Silva (treinador), António Santos, Olivério Santos, (?), Eduíno 'Maquia', José Ventura, Baltasar Favinha, Fernando Santos, Moreira (capitão), José Correia

1956, regista-se a filiação do *Clube de Futebol 'Vasco da Gama'*, com sede em Vila Franca do Campo. Seria um dos grupos adversários do Ribeira Grande. Nesta mesma acta assinalava-se que Francisco Inácio Machado representaria aquela associação na Ribeira Grande. Refere também os representantes das Vilas de Lagoa e Vila Franca do Campo, bem como anuncia um *Festival de Abertura* a ter lugar no Relvão.

A 16 de Outubro, de 1956, todavia, na Acta n.º 4, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, excluía-se dos oitavos de final o *Futebol Clube da Ribeira Grande*, 'que só entrará (ria) nos quartos de final se até à semana antecedente da realização dos jogos se oficializar a sua situação.' Já entrava, porém, o Vasco da Gama.

Ainda a 14 de Novembro de 1956 (AMRG, Actas, liv. 83, fl. 26), apesar da fusão dos dois clubes, talvez para cumprir com compromissos anteriores, cujo montante se destinaria por certo ao pecúlio do novo clube, a autarquia atribuía às direcções do Águia e do Ideal 'a importância de quinhentos escudos proveniente de subsídio votado.' Para a época de 1956/1957, de acordo com Livro de Directores, 1936-37 – 1988-1989, da AFPD, José Francisco de Melo é nomeado Delegado na Ribeira Grande daquela associação. No mesmo livro exaram-se os nomes dos corpos directivos do Futebol Clube da Ribeira Grande para a época de 1956-1957. Inclui-se o nome de José Aníbal de M. Ponte, treinador do mesmo clube.

Corria-se contra o tempo, pois, só a 21 de Janeiro de 1957 é assinada a acta oficial de constituição do novo clube. É de 18 de Fevereiro a Declaração, reconhecida notarialmente, enviada pelo Presidente da Direcção, Padre Edmundo Manuel Pacheco, ao Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada. Nesta, o Presidente do clube declarava que aquela agremiação desportiva ainda não dispunha de 'Regulamento Interno aprovado superiormente.' No mesmo processo,

declarava-se que, além de referir que o Padre Edmundo Manuel Pacheco é presidente do clube e que este tem sede na rua 5 de Outubro, n.º 59, que fora a do Ideal, 'três divisões, respectivamente – Gabinete da direcção – sala de jogos, balneário e vestuário.' Acrescenta-se adiante que o clube utilizará o campo de Jogos Municipal, que o azul e o branco são as cores do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, tendo este 'actualmente 135 sócios efectivos.' Não refere, todavia, que as cores foram escolhidas para representar as do Concelho. No referido processo, também se apensou Cópia da Acta número um da Assembleia Geral do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, celebrada no dia 21 de Janeiro de 1957.

Reza assim, seria a formalização necessária do já divulgado pela *Ilha* de 10 de Novembro: '(...) na sede do FUTEBOL CLUBE DA RIBEIRA GRANDE, sita na Rua cinco de Outubro, número cinquenta e nove, reuniram-se em primeira convocação, pelas vinte e uma horas, a Assembleia-Geral composta pelos seguintes sócios contribuintes e ordinários Senhores Padre Edmundo Pacheco, Mário Raposo Moura, Aurélio Aires da Ponte Furtado, Fernando Correia da Silva, Alberto da Câmara Rita, Francisco Leite Ribeiro, Carlos Cristiano Pacheco, José Augusto Costa, Manuel dos Santos Garcia, Plínio Maria de Medeiros Ponte, Fernando Alberto Alves, José Francisco da Ponte, Carlos da Silva Gouveia, João Alves da Silva, Evaristo Pereira Furtado, Rodrigues Roque, Francisco Inácio Machado, Luís Felipe Borges Miranda, Manuel de Medeiros Borges, Álvaro Raposo Moura, Manuel Carvalho, Jaime Borges da Silva, Sérgio Marques Pereira e Diniz de Sousa Furtado.' E refere que 'sendo esta reunião da Assembleia-Geral a primeira a realizar na vida oficial deste Clube desportivo, e não havendo ainda Corpos Gerentes devidamente oficializados, foi por unanimidade dos sócios presentes eleito para presidir esta

Assembleia-Geral, o Senhor Padre Edmundo Manuel Pacheco, escolhendo para secretariar a mesma os sócios senhores José Augusto Costa e Manuel dos Santos Garcia (...) pelos sócios presentes foram apresentadas várias listas com indicação de alguns nomes de sócios para fazerem parte dos Corpos Gerentes e de entre as listas presentes foram eleitos por unanimidade os seguintes sócios: - PARAAASSEMBLEIA-GERAL – Doutor Lucindo Rebelo Machado, Doutor Joaquim Forte Sampaio Rodrigues e Plínio Maria de Medeiros Ponte. - PARA A DIRECÇÃO – Padre Edmundo Manuel Pacheco, Francisco Leite Ribeiro, Mário Raposo Moura, Manuel dos Santos Garcia e Aurélio da Ponte Furtado, - SUPLENTE DA DIRECÇÃO – Alberto da Câmara Rita e Manuel de Medeiros Borges. - PARA O CONSELHO FISCAL – Gabriel Raposo de Melo, José Augusto Costa e Manuel Carvalho. Ficando, pela mesma Assembleia-Geral, deliberado, que os cargos dos primeiros Corpos Gerentes do FUTEBOL CLUBE DA RIBEIRA GRANDE, fossem distribuídos da seguinte forma: ASSEMBLEIA-GERAL: - Presidente, Doutor Lucindo Rebelo Machado, Primeiro SECRETÁRIO; Doutor Joaquim Forte Sampaio Rodrigues; SEGUNDO SECRETÁRIO; Plínio Maria de Medeiros Ponte. - DIRECÇÃO: - Presidente: - Padre Edmundo Manuel Pacheco; Vice-Presidente – Francisco Leite Ribeiro; Primeiro Secretário – Mário Raposo Moura, Segundo Secretário – Manuel dos Santos Garcia, Tesoureiro – Aurélio Aires da Ponte Furtado, SUPLENTE DA DIRECÇÃO: - Alberto da Câmara Rita e Manuel de Medeiros Borges, CONSELHO FISCAL: - Presidente, Gabriel Raposo de Melo; Secretário; José Augusto Costa; Relator – Manuel Carvalho.' Lavrou e assinou a acta Manuel dos Santos Garcia. Terá sido uma Direcção de compromisso, uma que agradasse aos ex-membros do Ideal e do Águia.

Legalização do clube nas instâncias competentes: início de actividade

A Acta n.º 20 da FPF, de 23 de Fevereiro, regista a filiação do *Futebol Clube da Ribeira Grande* nestes termos: 'aceitar e comunicar à Federação Portuguesa de Futebol, a filiação do Futebol Clube da Ribeira Grande.' Nesta mesma, delibera organizar um festival desportivo para a Ribeira Grande. Para assinalar a fusão do Águia e Ideal, e para marcar o início do novo clube, decorreu no dia 3 de Março de 1957, no Campo de Jogos Municipal da Ribeira Grande, duas partidas: pelas 14 horas, jogaram *Clube União Desportiva* e *Clube União Micaelense*, às quinze e quarenta e cinco, *Futebol Clube da Ribeira Grande* e *Clube Desportivo Santa Clara* (Acta n.º 21, liv. 14, fl. 14v., Associação de Futebol e Ponta Delgada). Apesar de derrotados por três a zero, a réplica dada pelo Ribeira Grande augurava-lhe um bom futuro (*Correio dos Açores*, 5 de Março de 1957, fl.1).

Início da competição oficial: II Divisão da AFPD

A 19 de Fevereiro, na acta n.º 19 da AFPD, divulgava-se a composição das equipas inscritas naquela Associação para os campeonatos das I e II Divisões. I Divisão: *Marítimo Sport Club*, *Clube União Micaelense*, *Micaelense Futebol Clube*, *Clube União Sportiva* e *Desportivo Santa Clara*. Na II: *Grupo Recreativo Desportivo os Leões*, *Clube Operário Desportivo* e *Futebol Clube da Ribeira Grande*. Juntar-se-lhes-ia o Vasco da Gama.

O primeiro encontro a contar para o Campeonato Distrital da II Divisão, contra Os Leões, o Ribeira Grande impôs-se ao adversário com um rotundo e incontroverso cinco a zero (*Correio dos Açores*, 16 de Abril de 1957, fl.1). Continuava a pairar sobre o novo clube um futuro promissor. E o Operário outros tantos ao Vasco da Gama de Vila Franca do Campo, que entretanto, entrara. Mas, pouco depois, começam a surgir os castigos: a 23 de Abril, a Associação deliberou aplicar uma multa de duzentos escudos ao Ribeira Grande, por ter feito alinhar dois jogadores em situação irregular (Acta n.º 31). Na segunda partida, realizada na Ribeira Grande frente ao Operário, perdem por cinco a um (*Correio dos Açores*, 24 de Abril de 1957, fl.1). Este clube lagoense, como se veria, pertencia a outro campeonato. Aliás, o Operário, como se diz na gíria futebolística, sagrar-se-ia campeão da II Divisão (Acta n.º 38, liv.14, Associação de Futebol). O Ribeira Grande, ficaria num modesto, mas ainda assim, honroso terceiro lugar. A esperança continuava viva. O Operário, por seu turno, ao derrotar o *Micaelense Futebol Clube*, penúltimo classificado da I Divisão, conquistou o direito de, na época de 1957/1958, ascender à I Divisão Distrital (Acta n.º 43, fl. 33, liv. 14, 2 de Julho de 1957).

A 14 de Maio de 1957, José da Câmara Vieira, conhecido por José Correia, guarda redes do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, é convocado para a selecção de S. Miguel (Acta n.º 34, liv.14, 7 de Junho de 1957, Associação de Futebol).

O II Campeonato Distrital começaria, conforme marcação da Associação de Futebol, consulte-se Acta n.º 1, liv.14, 8 de Outubro de 1957, a 20 de Outubro. Nele participariam dois clubes que haviam baixado de escalão: *Micaelense* e *União Sportiva*. Este último, por ter ficado em último lugar da I Divisão, conforme os regulamentos da prova, baixara, sem mais,

de divisão. O II Campeonato, no que concerne o Ribeira Grande, foi de novo uma desilusão: o *G. D. R. Os Leões*, da Lagoa, conquista o campeonato da II Divisão e o *Futebol Clube da Ribeira Grande* fica em segundo lugar, a dois pontos do vencedor (*Açoriano Oriental*, 4 de Janeiro de 1958, fl.2). O Vasco da Gama desistira e os dois clubes de Ponta Delgada, *Micaelense* e *União Sportiva*, ficaram atrás dele. Porém, uma reclamação considerada procedente, atiraria o Ribeira Grande para terceiro lugar (Acta n.º 17, liv. 14, Associação de Futebol de Ponta Delgada, 14 de Janeiro de 1958). A 5 de Janeiro, começara o Torneio Distrital de qualificação à Taça de Portugal (*Diário dos Açores*, 4 de Janeiro de 1958, fl.4).

Nesta prova, após o desânimo causado pelo insucesso das duas épocas precedentes, poder-se-á dizer que o sonho começa a desmoronar. Em seis jogos disputados, o Ribeira Grande averbaria seis pesadas derrotas (Acta n.º 23, liv. 14, Associação de Futebol, 25 e Fevereiro de 1958). E, por castigos a jogadores, chovem multas (Acta n.º 31, liv. 14, Associação de Futebol PD, 2 de Abril de 1958). Desiste de um jogo com o *Micaelense*, conforme acta da Associação de 25 de Junho de 1958. Apenas com um ponto, queda-se na última posição da Taça de Seguros Império (*Correio dos Açores*, 1 de Julho de 1958). Oito jogadores do *Ribeira Grande* são castigados pela Associação de Futebol com multa e ameaça de suspensão (Acta n.º 42, fl. 74, liv. 14, Associação de Futebol PD, 2 de Julho de 1958). A época de 1958/1959, não lhe correria de melhor feição. A Acta n.º 6, da Associação de Futebol PD, de 20 de Outubro, suspende por um jogo um atleta do Ribeira Grande, acta n.º 11, de 25 de Novembro, e declara o *União Sportiva* campeão da II Divisão. O *Ribeira Grande* é o 'lanterna vermelha', averbando seis derrotas em seis jogos. Acentuava-se a queda. No Torneio de Apuramento à Taça de Portugal, apenas com dois pontos, fica de novo em último. Ganhou o *União Micaelense*. É aplicada pela Associação de Futebol de Ponta Delgada uma pena suspensa até ao final da época a dois jogadores do *Ribeira Grande* (Acta n.º 27, liv. 14, 10 de Março de 1959).

A Associação promoveu um Campeonato das Vilas, Acta n.º 13, liv. 15, Associação de Futebol PD, 9 de Dezembro de 1959, e nele participariam o *Operário Desportivo*, *Os Leões* e o *Ribeira Grande*. A 15 de Dezembro, a Associação pune o Tesoureiro do Ribeira Grande e vários jogadores do clube (Acta n.º 14). A Associação informa, Acta n.º 20, de 19 de Janeiro de 1960, que os troféus a atribuir aos vencedores dos Campeonatos de Ponta Delgada e das Vilas, seriam atribuídos aos clubes que vencessem as provas em dois anos consecutivos ou em três alternados. O vencedor do Campeonato das Vilas seria o *Operário* e o *Ribeira*



Alberto Rita

Grande, mais uma vez, ocuparia o último lugar (Acta n.º 21, liv. 15, 26 de Janeiro de 1960). O de Ponta Delgada seria conquistado, por seu turno, pelo *União Sportiva*. A 4 de Fevereiro, Acta n.º 25, liv. 15, são aplicadas mais punições a jogadores do *Ribeira Grande*. E ainda outras a 15 de Março.

Canto do Cisne

O Campeonato da II Divisão, de 1960, conforme Acta n.º 31, 29 de Março de 1960, da AFPD, seria disputado entre o *Marítimo*, *Os Leões*, o *Futebol Clube da Ribeira Grande* e o *Clube Desportivo Santa Clara*. Ainda outra punição, conforme Acta n.º 38, de 23 de Maio de 1960.

Ao fim de quatro jornadas sem qualquer vitória, com apenas três bolas marcadas contra dezoito sofridas, arrostando com inúmeros problemas disciplinares, sem atletas, com problemas de tesouraria e reduzido a um ou dois dirigentes, o *Futebol Clube da Ribeira Grande* (*Correio dos Açores*, 18 de Junho de 1960, fl.1) solicita à Associação de Futebol desistência da prova. Porém, com prudência, para evitar eliminação durante épocas consecutivas, a Associação aconselha os dirigentes do Ribeira Grande de, em vez da desistência, para dar tempo a resolver problemas, a pedir 'suspensão legal da sua participação naquela prova.' Tal, mediante a liquidação de multa de quinhentos escudos até trinta dias do mês de Junho. O que é oficializado na Acta n.º 48, liv.15, de 21 de Junho de 1960. O campeonato de 1959-1960 da segunda divisão é ganho pelo *Santa Clara* e o da primeira, da mesma época, pelo *Operário* (Acta n.º 49, liv. 15, 28 de Junho de 1960). Sai, em 1960, em sorteio o primeiro lugar ao *Ribeira Grande* para o Torneio de Abertura das Vilas (Acta n.º 2, liv. 15, Associação de Futebol PD, 18 de Outubro de 1960). Novas suspensões, até resolução posterior, de dois jogadores do Ribeira Grande (*Correio dos Açores*, 20 de Janeiro de 1961).

Lucindo Rebelo Machado, Presidente da



António Augusto da Motta Moniz

Assembleia Geral, convoca a 25 de Janeiro de 1961, uma Assembleia Geral do clube, para o dia 31, pelas 20 horas, na sede do clube, sita à rua 5 de Outubro para tomar conhecimento e aprovar as contas da Direcção e receber parecer do Conselho Fiscal, bem como eleger os corpos gerentes (*Correio dos Açores*, 26 de Janeiro de 1961).

A 5 de Fevereiro começa o Campeonato de Ponta Delgada e das Vilas. O *Ribeira Grande* participa. O primeiro classificado do Campeonato das Vilas teria acesso à primeira Divisão (*Diário dos Açores*, 4 de Fevereiro de 1961).

Entretanto, o *Ribeira Grande* participa no Torneio de Classificação à Taça de Portugal (*Correio dos Açores*, 18 de Fevereiro de 1961). No rescaldo de um jogo disputado com o *Operário*, o campo de Jogos Municipal, de acordo com Acta n.º 34, liv. 15, Associação de Futebol PD, de 25 de Abril de 1961, é interdito por um jogo e cinco atletas do Ribeira Grande sofrem de um a oito jogos de castigo. O clube tem de pagar uma multa de 100\$00. Entretanto, *Os Leões* desistem (*Correio dos Açores*, 2 de Maio de 1961). Tal como o Vasco da Gama o havia já feito antes. Restava o *Ribeira Grande*. Este, não obstante dificuldades de tesouraria e de falta de atletas, inicia a 21 de Maio a sua participação em nova edição do Campeonato da II Divisão Distrital (*Diário dos Açores*, 20 de Maio de 1961). *Os Leões* desistem do campeonato (Acta n.º 38, liv. 15, Associação de Futebol, 23 de Maio de 1961). O *Micaelense*, que se sagraria campeão da II Divisão, goleia por sete a zero o *Ribeira Grande*. São expulsos atletas ribeirão-grandenses por agressão a adversários (*Correio dos Açores*, 3 de Junho de 1961).

Últimos momentos de vida

Lê-se no *Diário dos Açores*, de 5 de Junho, que 'no Campo Marquês de Jácome Correia deveriam ter jogado ontem (dia 4) *Marítimo* e o *Ribeira Grande*, um jogo a contar para o campeonato Distrital da segunda divisão. Mas o *Ribeira Grande* desistiu, marcando o *Marítimo* os pontos

respectivos (...).' No mesmo jornal, mas na edição de 17 daquele mês, explicava-se a razão pela qual o *Micaelense* não teria de disputar mais jogos para se sangrar campeão: 'porque a equipa do *Futebol Clube da Ribeira Grande* desistiu da segunda volta do Campeonato Distrital da II Divisão (...).' A 15, em acta n.º 41 da AFPD, aceitavam-se os 'motivos justificados que levaram o *Futebol Clube da Ribeira Grande* a desistir dos jogos da segunda volta (...).'

No jogo agendado para o dia 15 de Junho, dedicado às vítimas 'do terrorismo', o Ribeira Grande não participaria (*Diário dos Açores*, 3 de Junho de 1961).

Fim do sonho e reaparecimento do Águia e do Ideal

Estaria desfeito o sonho de uma equipa única na Ribeira Grande. A 29 de Junho reentravam em cena 'velhos e relhos' actores (*Diário dos Açores*, 27 de Junho de 1961): 'Na próxima quinta-feira realizar-se-á na Vila da Ribeira Grande um encontro entre as antigas e rivais equipas *Águia* e *Ideal*, disputando-se duas Taças intituladas Taça Vítimas de Angola e Taça Presidente da Câmara, António Augusto da M. Moniz, cujo produto reverterá a favor das vítimas do terrorismo de Angola.'

O futebol na Ribeira Grande, tendo o sonho descambado em pesadelo, com a desistência do *Futebol Clube da Ribeira Grande* das competições da Associação de Futebol de Ponta Delgada, entraria, ainda que por um curto espaço de tempo, no purgatório sem futuro do designado futebol clandestino.

Porquê o fim? 'Casa em que não há pão todos ralham e ninguém tem razão'.

A este respeito, Gustavo Moura, responsável pela secção desportiva do *Diário dos Açores*, em editorial vindo a lume na edição de 23 de Junho de 1961, explicava as razões do facto. 'Não nos admira, pois, que o futebol clandestino tenha medrado por toda a ilha de São Miguel. Os clubes que o praticam e o estão desenvolvendo, ao verificarem o que tinham a fazer para a sua existência ser considerada legal devem ter ficado assustados, faltando-lhes, quem os orientasse e ajudasse.'

Os maus resultados goraram as expectativas de dirigentes, atletas e simpatizantes do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, tendo estes, por seu turno, desencadeado, talvez por frustração, actos de indisciplina contra árbitros, adeptos contrários e adversários. A escolha de atletas de entre os grupos iniciais *Águia* e *Ideal*, a princípio algo pacífica, com o avolumar de insucessos, motivou da parte de atletas preteridos e de simpatizantes frustrados, o desejo de fazer reacender a velha chama clubística. No entender destes, e cada vez

NANA

> Roupa de criança

> Lingerie

> Roupa de senhora

> Sapataria

> Peles

MODE

Rua Sousa e Silva n.º 58
 Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
 Tel.: 296 474 563



Uma equipa de júniores do FC Ribeira Grande, de acordo com João Manuel Alves:

1.º plano – da esquerda para a direita: Jacinto 'Pretinho', José Cabral, Manuel Garcia, Amorim, Dinis Anselmo, Moisés

2.º plano – Renato Silva (treinador), Fernando 'Campo Novo', Humberto, Manuel Morgado (?), José Caçador, Baltasar Favinha, João Cavaco, João Manuel Alves, Gerónimo (guarda redes), Aurénio Aires Furtado (dirigente)

havia mais gente convencida desta verdade, a separação seria o melhor caminho. Achou-se então, a melhor maneira de tornar o futebol ribeirão-grandense mais competitivo. Este tem sido, desde então, ao contrário do que sucedeu na Lagoa, ou em Ponta Delgada, o discurso mais persistente da Ribeira Grande. Além do mais, os simpatizantes e atletas apontavam o dedo ao atleta e simpatizante dos antigos clubes. Ouviam-

se amiúde desabafos deste jaez: 'se fossem só os do Águia, diziam alguns, ou se fossem só os do Ideal, diziam outros.' De fora de Ponta Delgada, só sobreviveria o Operário, Vasco da Gama, Leões e Ribeira Grande ficaram pelo caminho. O Operário, não só pelo que a Fábrica local oferecia a potenciais atletas talentosos dos quatro cantos da lha, mas também pela dinâmica e persistência dos seus directores, constituiu desde a sua fundação um caso

de reconhecido sucesso. Na prática, toda a contestação na Ribeira Grande, resultaria no ressurgimento dos dois rivais e o encetar de breve e inglória travessia pelo futebol clandestino até se acertar o passo a partir de 1963. A década de sessenta, como veremos em próximo trabalho, marcaria o início da caminhada rumo a um curto predomínio da Ribeira Grande no contexto do Futebol da ilha de São Miguel, em que Águia e Ideal dominaram nas

décadas de setenta e oitenta o futebol na ilha. Mas aí as principais equipas da ilha já só pensavam na III Divisão Nacional.

(continua no nº 17)

Quinta de S. Pedro

Venda de plantas ornamentais

Visite-nos às Sextas e Sábados



Rua Nova, 3 Rib. Seca - Rib. Grande
Peter Healion - Telm. 917018729 - Tel 296477251

NT
New Fashion

Abriu recentemente na cidade da Ribeira Grande
Rua N.ª Sr.ª da Conceição, 101

New Fashion

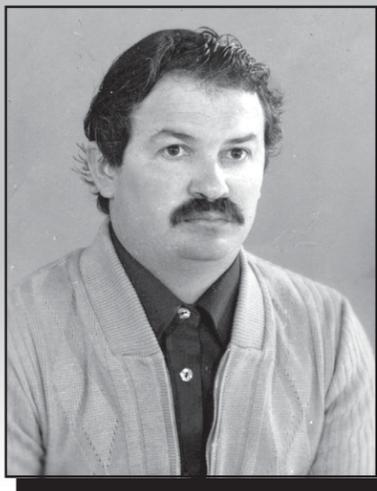
Novidades! Tecidos, rendas, cortinados, lingerie, retrosaria, lãs, bijuteria

Vieiras, L^{DA}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
ALVARÁS e ORÇAMENTOS



Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE



José Furtado Cabral

Leccionou anos a fio, assim como a esposa, irmã do 'Quim', na Escola Central, onde ensinou o 'bê-á-bá' a centenas de miúdos, alguns dos quais viriam a ser seus colegas de equipa. Vestiu as camisolas do Ideal: metade branca e metade verde, toda branca e calções verdes, listada. Iniciou-se aos 16, 17 anos, no Ideal antes da 'fusão' com o Águia, jogou no Ribeira Grande, voltou a jogar no Ideal após a separação, foi dirigente. Chegou a representar o *União Sportiva*, então dirigido por Aurénio Furtado, que fora dirigente do Ideal e do Ribeira Grande e responsável pela reabertura do clube, até que foi dirigir o Lar Luís Soares de Sousa. E foi treinador de futebol. Em Setembro de 1975, mudou-se de 'armas e bagagens' para Ponta Delgada onde continuou, até se reformar, ligado ao Ensino Básico. A 17 de Julho completou sessenta e quatro anos de vida. Ajudou a debelar, mais João Moniz da Silva e Décio Borges da Ponte, uma das piores crises do Ideal. Falamos de José Furtado Cabral, nado e criado nas imediações do Largo de Santo André, na freguesia de Ribeira Grande – Matriz.

MM: Como chegou ao Ideal?

JC: Vivia em Santo André, local onde a rapaziada jogava muito futebol, rapaziada como eu, o António Teófilo, que foi um grande jogador, chegou a jogar a titular nas melhores equipas do Lusitânia. Quando desmancharam o Jardim de Santo André, a gente fazia daquele espaço o nosso campo. Até nas Poças ou mesmo no Palheiro. Muitos dos rapazes daí foram parar ao Águia e ao Ideal. Fui jogando e como fosse mostrando alguma aptidão, o Sr. Jaime Paulo, dirigente do Ideal, veio falar comigo. Deveria de ter uns 16, 17 anos. E assim entrei na equipa, ainda antes do Ribeira Grande.

MM: Em seu entender, por que razão Águia e Ideal se reuniram no Ribeira Grande?

JC: Vendo as coisas em retrospectiva, poderia apontar as seguintes: dificuldades financeiras dos dois clubes; saída de muitos jogadores para as equipas de Ponta Delgada, Lagoa e mesmo para as da Terceira. A emigração também ajudou; falta de habilitações literárias de muitos dos atletas, a quem se pedia a 3.ª classe; a Associação de Futebol de Ponta Delgada, por seu turno, informou a autarquia que não deveria autorizar a realização de jogos com equipas não

filiadas, o que era o caso do Águia e do Ideal. O que foi posto em prática pela Câmara. E, para tentar resolver tudo isso, decidi-se criar um clube único, clube que representasse as cores da terra: o azul e branco. E que usasse o nome da terra: *Futebol Clube da Ribeira Grande*. Assim foi. Os dois clubes aceitaram a 'reunião', foi feita a selecção do que se considerava ser os seus melhores atletas, atletas estes que deveriam ter a escolaridade mínima e filiouse a nova equipa na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Participou em campeonatos da II Divisão com equipas de Vila Franca, Lagoa e Ponta Delgada.

MM: No seu modo de ver, por que razão falhou?

JC: Apesar de tudo, os problemas do Águia e Ideal, agravados pelos maus resultados do Ribeira Grande, continuaram. As dificuldades financeiras continuaram, o que dificultava o pagamento dos treinadores e de outras despesas. À medida que os problemas foram surgindo, como sempre, muitos dirigentes foram-se afastando, ficando quase só o Aurénio Furtado e pouco mais. Este era uma 'espécie de pau para toda a obra'. Às vezes até se afastava do clube, para logo regressar. Os jogadores também se foram afastando e o clube fechou.

MM: Que sucedeu a seguir?

JC: O clube fechou, só que muitos rapazes que gostavam de jogar futebol continuaram a jogar nas horas de lazer. Como o campo de jogos estivesse aberto, para matar o vício, faziam-se partidas de futebol à tarde e aos fins de semana. Muitos destes jogos eram seguidos por antigos dirigentes do Águia e do Ideal, estes um dia resolveram 'dar a cara' e foram ao campo falar com os rapazes. Entre os que me lembro, recorde os senhores Aurénio Furtado, ligado ao Ideal, e Viriato Moreira, ligado ao Águia. Decidiram, com os jogadores existentes, formar duas equipas: Ideal e Águia. Marcaram, ao que parece, jogo para o dia de São Pedro. Só que eram necessários equipamentos. Cada equipa tratou de os arranjar. No caso do Ideal, que conheço de perto, fomos eu e o Fernando Maia à Lagoa pedir emprestado o equipamento dos 'Leões', que era idêntico ao do Ideal. Assim renasceu, tanto quanto sei, Ideal e Águia.



José Correia do Águia

'O meu nome não é José Correia, mas também pode ser José Correia. O meu nome é José Câmara Vieira. Vou fazer 69 ou 70 anos em Outubro (Testemunho: 17.01.1996).'

Quem é o José Correia? 'Nasci na Vila Nova, o meu avô era o Manuel 'da Areia', pai do meu pai, que era irmão da mãe do Sr. Jacinto Amâncio. A minha mãe era Maria de Jesus, irmã do Manuel Capelas, meu padrinho, do Artur e do Humberto Capelas. O meu pai era camponês, o meu irmão Manuel, o mais velho, o que jogou no Operário, também era, e eu e o meu irmão António, o mais novo da gente, que chegou a jogar no Atlético, éramos cabouqueiros. A minha mãe teve mulheres e rapazes onze: sete fêmeas e quatro machos. O meu avô Manuel Capelas era padeiro na Padaria

do Sr. Fábio. Vendia pão pelas portas num carro. O meu tio Humberto também era padeiro e trabalhava com o pai. Quando o Sr. Fábio foi para o Brasil a padaria passou para o Alfredo Favinha da Vila Nova. Casei na Matriz e a minha senhora, Tomásia de Jesus Carvalho Paiva, filha da Matriz, deu-me quatro filhos: a Ana, o José Manuel, o João (faleceu em Junho de 2002) e o Mariano.' Às tantas, sentados nos degraus da Conceição, numa amena manhã de Janeiro, quis-me contar uma coisa: 'uma vez o Malhinha, num Domingo, ele jogava no Águia, morreu na América, contra o Ideal. O senhor não sabe essa: tu vais jogar para o Ideal e eles deram-lhe um fato para ele deixar entrar cinco golos. É o jogo do carneiro, o tal das Caldeiras. No outro Domingo, o meu irmão Manuel disse: eh pá, tu vais para guarda redes. Eu tinha 15 anos, mas já tinha o corpo que tenho hoje. Fui para a rede, peguei a dar aqueles saltos. A gente jogou contra o União Micaelense. Ele disse: eh meu irmão, tu é que vais jogar hoje. Eh pá eu não percebia nada de bola. Fomos para ali para o Campo Velho. Demos três a zero nesse dia e estive quatro anos no *União Micaelense*. E fui

escolhido para jogar na selecção contra o Porto. O Porto queria-me levar, seu pai tá aí pode dizer-lhe (creio que o confunde com o meu tio Mário Raposo Moura, Presidente do Águia). O Barrigana estava já velho. Eu disse: eu não sei ler. Eles disseram: a gente ensina a ler. Seu pai disse: eh pá vai. O meu pai também, mas não fui. Deixei de jogar aos 42 anos no Atlético, tinha uma grande equipa, e joguei uns vinte no Águia. Acho que ainda joguei no Ribeira Grande. Fui para o Atlético porque o Fernando Brinco era meu compadre, crismou o meu Mariano. E cheguei a jogar no Ideal. O Maroto do Ideal queria que eu ficasse a jogar lá, e eu dizia: pela sua saúde esta gente vai-me tirar a pele. O meu tio Manuel Capelas, e padrinho, andava sempre atrás de mim. Ele até se metia atrás da baliza. Ele tinha sido guarda-redes. O Maroto pedia-me, dava-me dinheiro, e eu jogava. O meu tio Manuel tentava impedir-me, mas eu dizia: o meu tio não manda em mim. Isto quando o Águia não jogava. O dinheiro fazia falta. Eu joguei no Ideal em dias em que o Águia não jogava. Eu, meu irmão Manuel e o António Fernandes, do Ideal, 'guerreá-

vamos' como cães dentro do campo. Fui para a Terceira e joguei nos Brancos da Praia. Fui com eles ao Faial. Queria que eu ficasse, até no Lusitânia, mas não sabia ler nem queria aprender. O primeiro equipamento que me lembre foi todo vermelho e os calções brancos. Um outro que o meu tio Manuel Capelas comprou nos Arrifes, não sei se foi preta se foi riscada. Bela equipa aquela. Eu era cabouqueiro. Tirar pedra da pedreira. Andar abaixo e acima, às vezes doente dos joelhos por causa do futebol. Era um bocado difícil. A mulher, eu, os filhos. Mas tinha o vício de jogar futebol. Eu até fugia de casa, antes de casar, para jogar. Acabei de jogar e fui para o Canadá. Ia e vinha e depois regressei. Estive lá um ano, depois vim para trás, ao segundo ano, regressei ao Canadá, fui para Toronto, tive com a minha família, estive lá três anos e meio, depois vim outra vez para trás. Não era terra para mim. O meu irmão Manuel ficou por lá.' Com um corpanzil de pugilista, alto, homem de ferver em pouca água, perdia a cabeça com facilidade. Tanto adversários como colegas temiam as suas fúrias. Ao contrário do Buraca, que não tinha maldade



nenhuma, segundo ele próprio confessa, o José Correia não deixava passar em branco nenhum desafio. Esperava pela sua oportunidade para saldar a dívida, nem que passassem dez anos, ninguém lhe trincava os dedos e ficava a rir. Ai de quem o fizesse, chegava-lhe a mostarda ao nariz e explodia. Aquele físico mandava respeito. Ainda manda. As mãos largas como pás e fortes como tenazes poucas vezes deixaram escapar bolas altas, porém o seu ponto fraco, ao contrário do Buraca, eram as bolas rasteiras.

Há um par de anos, depois da missa das onze na igreja da Conceição, que frequenta apesar de ser freguês da Matriz, ao tentar descer a íngreme escadaria do adro junto à torre, escorregou nos primeiros degraus e só o seu velho instinto de guarda-redes lhe terá salvo a vida. Protegeu a cabeça com as mãos e chegou à calçada só com umas pequenas escoriações no pescoço. Foi a sua última defesa. Por acaso passava na altura por ali, temi o pior, estivera com o meu pai na tropa, ajudei a levantá-lo com cuidado, e a levar aquele corpo pesado e meio desfalecido para o interior da ambulância que chamara pelo telemóvel, e, para o animar, disse-lhe: põe-te bom que o teu Águia precisa de ti. Devolveu-me um sorriso. Mas não defendas tudo. Voltou-me a sorrir. Desta vez um sorriso matreiro. Vislumbrei-o, depois desse episódio, ontem, dia 23 de Junho de 2002,



Uma equipa do Águia Futebol Clube (década de quarenta), de acordo com Albano Rebelo:

1.º plano – da esquerda para a direita: Albano Rebelo, Mário, José Correia, Manuel Brindeiro, Eugénio Faial

2.º plano – Manuel Ventura, Fernando Santos, Manuel Morais, Manuel Correia, (?), Hermano 'Rebica'

prostrado na cama da sua casa n.º 3 da travessa da Praia, sem dar cor a si, poucos dias após o falecimento do seu filho João. Derrotado, sem tirar desforra, e achei isso impróprio. Diante da esposa, de luto carregado, que mais uma vez me comoveu com o seu agradecimento, e do filho Mariano, um comerciante de sucesso, escondi a dor que sentia por o ver naquele estado, ele que tantas tristezas dera ao meu Ideal. Não me importaria nada de o ver de

novo na baliza do seu Águia, nem que fosse só uma vez, alto, truculento, de palavrão fácil, agreste, mas vivo, derrotar o meu Ideal, só para o ver fora daquela cama. José Correia levanta-te desta cama, já passas das duas da tarde, ainda não cumpriste a promessa de reabrir o teu Águia, lembra-te de quando rapaste da carteira e me disseste que tinhas dinheiro para abrir o Águia, pois não faltavam rapazes habilidosos e com amor à camisola, bastava ir ao mercado das

reses, o campo Velho, o viveiro do teu clube, volta para os degraus da igreja de Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser Verde, continua a falar-me do teu Benfica, mete aos ombros o teu casaco de lã, enfia na cabeça o teu barrete, mas não fiques para aí. Apeteceu-me dizer-lhe. Desta vez não me sorriu, nem podia. Um vulto enrolado na roupa, virado para a Areia onde tantos banhos tomou e tantas bolas perseguiu jazia silencioso. Era aflitivo. É homem orgulhoso, ao ponto de não voltar a falar com alguém que lhe insultou. Mas isto só depois de lhe ter partido a cara. Nunca antes. É assim e sempre será assim enquanto vivo for. José Correia, o teu neto, filho do João, que está agora à frente da tasca que foi tua, não te esquecerá, como o teu filho, apesar das vossas desavenças, também não, sou testemunho de que guarda religiosamente as tuas fotografias, e diz com orgulho: o meu avó foi um grande guarda-redes. Não poderias desejar mais. Pouco antes da queda, falaste-me com entusiasmo da homenagem que te fizeram na América num dos Convívios ribeirão-grandenses. Disseste-me: 'Vi lá gente que julgava morta. Gente que veio do Canadá e de toda a América. Gente da Ribeira Grande.' Põe-te fora da cama, olha que o teu Benfica se reforçou este ano, olha que estão a tentar reabrir o teu Águia. Não podes ficar no quente da tua cama. Seria virar a cara à luta, e tu nunca foste destes.

Em busca do Águia e do Ideal III: memória oral

Futebol Clube da Ribeira Grande (1956-1961): A História de uma desilusão

Edmundo Manuel Pacheco

Nasceu a 28 de Outubro de 1925 na casa n.º 104 da rua de Nossa Senhora da Conceição onde ainda reside. Foi eleito Presidente do Futebol Clube da Ribeira Grande para 1956/57. Por esta altura, era pároco da freguesia das Calhetas, de onde permaneceu de 1954 a 1959. Em 1959, dirige-se à Cidade de Lisboa, aonde fora nomeado secretário de D. José Pedro da Silva, natural da ilha de São Jorge, Bispo de Tiara e Assistente Geral da Acção Católica Portuguesa. Regressa à ilha em 1969, pelo que já não acompanha a última fase do Futebol Clube da Ribeira Grande.

MM: Como explica a fusão do Ideal e do Águia e o aparecimento do F.C. da Ribeira Grande?

EP: Por um lado (Testemunho: 12.06.2002), foi o modo encontrado para solucionar as carências individuais de ambos os clubes, por outro, para acatar a sugestão do então Governador Civil do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, Dr. Carlos Paiva. Consistia ela, essencialmente, em concentrar esforços por parte dos clubes da ilha. Para Ponta Delgada, a aceitar-se a sugestão, ficariam três das cinco equipas existentes, o que, por oposição das equipas visadas, salvo erro *União Sportiva* e *Micaelense*, não foi aceite, e para a Ribeira Grande, um. Aqui, veio ao encontro das expectativas e das necessidades sentidas no futebol da Ribeira Grande. Aqui, apesar de haver um campo novo, apesar de várias tentativas para ambas as equipas entrarem na Associação de Futebol de Ponta Delgada, o futebol pouco tinha evoluído. E assim pensou-se que o melhor seria fazer uma selecção dos melhores atletas de ambas as equipas, reuni-los sob as cores azul e branca, cores do Município. A sede, por apresentar melhores condições, acabou por ser a do Ideal. Esperava-se que o nível competitivo aumentasse, já que a Ribeira Grande competiria de igual para igual com as de Ponta Delgada e de Lagoa, e que a autarquia auxiliasse.



1.º Presidente da Direcção

Álvaro dos Santos Raposo Moura

Nasceu em 1 de Novembro de 1927, na rua do Alcaide, n.º 28. Tal como o pai, tal como o filho mais velho, tal como os irmãos. Ao contrário de Mário Raposo Moura, irmão, Presidente do Águia e Director do Futebol Clube da Ribeira Grande, Álvaro é um Idealista 'dos quatro costados', tendo servido o clube em todos os cargos. Foi o grande responsável 'operacional no terreno e nas secretarias' pela concretização do sonho da sede actual e fundador da equipa júnior do clube. Homem de visão, sempre preocupado com a saúde das finanças e com o futuro do clube, sobretudo com as infra-estruturas humanas e físicas do clube.

MM: Que se pretendia com a fusão do Águia e do Ideal?

AM: (Testemunho: 14.06.2002) O objectivo principal era o de se formar uma equipa forte na Ribeira Grande, equipa essa capaz de subir à I Divisão da Associação de Futebol de Ponta Delgada. E isto porque ficara provado que cada qual por si, dada as poucas forças de cada um, seria, já se havia tentado nas décadas de quarenta e de cinquenta, incapaz de o conseguir. Assim, o Ideal dava a sede, dirigentes e jogadores, o Águia jogadores e dirigentes. Havia tão poucos sócios, e destes tão poucos os que pagavam quotas, a autarquia poderia contribuir na medida das suas possibilidades, além do Campo de Jogos. O melhor seria, pensou-se na altura, tentar o que ainda não havia sido tentado: a união de esforços. (Em 1924, Praia e Açor haviam-no tentado, assim terá surgido o *Águia Sport Club*).

MM: Porque falhou o projecto?

AM: Sobretudo porque o objectivo de subida de divisão não se concretizou. Os maus resultados levaram, naturalmente, as pessoas a tentar encontrar respostas para o insucesso. Começou-se por culpar toda a gente: árbitros, dirigentes, autarquia, atletas. Chegou-se ao ponto de, com imensos atletas castigados, ou afastados porque discordavam, como sempre, de serem suplentes, não haver jogadores de jeito. Assim foi normal ouvirem-se desabafos dos do tipo de 'o plantel do Águia era melhor do que o do Ideal, para os antigos simpatizantes daquele clube, e o contrário da boca dos do Ideal.' Da Direcção inicial poucos restaram, ajudava mesmo não fazendo formalmente parte dela, creio até que para o fim só lá estava o Aurénio Aires Furtado, que acabou por ser 'um pau para toda a obra.' Neste clima de verdadeira 'guerra civil', imagine-se que, nos jogos quando um antigo atleta do Ideal falhava um lance era logo assobiado pelos do Águia, ou, manda a verdade, o contrário. Daí até ao regresso aos dois antigos clubes foi um passo. Foi o próprio Aurénio que teve um papel importante no reaparecimento do Ideal. Se calhar, vistas as coisas à distância, foi melhor assim, pois ambos acabariam por dominar o futebol na ilha a partir de finais dos anos sessenta.



Viriato Tavares Moreira

(Testemunho: 14.06.2002. Nasceu em 27.01.1931). Dinâmico e astuto, iniciou-se nas lides directivas do *Águia Futebol Clube*, afastou-se, por discordância da fusão, aliás continua a achar que foi um erro, que se deve, sobretudo a Artur Brillante, então Presidente do *Ideal Futebol Clube*. Após a separação tornou-se num dos dirigentes do *Águia* que, porventura, terá colleccionado mais êxitos.



Manuel Borges Garcia

(Testemunho: 10.01.1997. Nasceu a 4 de Junho de 1937). Antigo atleta do *Ideal Novo*, transitando para o *Futebol Clube da Ribeira Grande* e posteriormente para o *Ideal*, foi dirigente do clube e esteve ligado à construção da nova sede.

MM: Em seu entender, por que razão falhou a experiência do FC da Ribeira Grande?

MG: Os maus resultados da equipa. Nunca se conseguiu ter uma boa equipa. As pessoas, por isso, desinteressaram-se, quer dizer quebrou-se o entusiasmo.

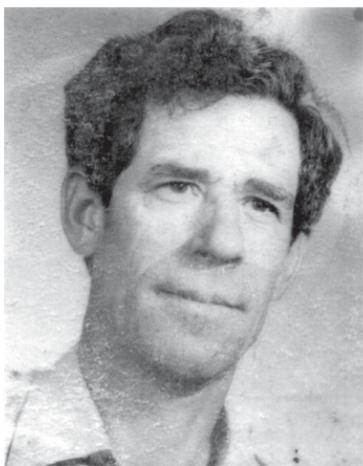


Manuel Carreiro Moniz

(Testemunho: 14.06.2002, nasceu em 20.12.1938). Natural da Matriz, começou a jogar aos 15 anos, chegou a jogar com o tio, Manuel Carreiro, então como suplente de António Santos (Buraca), transita para o *Ribeira Grande*, como suplente de Armindo Moreira da Silva, pois quer Buraca quer José Correia não tinham a 3.ª classe. Torna-se guarda redes principal do FCR Grande após a desistência do guarda redes principal.

MM: Por que fechou o R. Grande?

MM: Não ganhávamos nada. No último jogo, contra a Vila Franca, em Vila Franca, perdemos por 11-1. O último golo do Vila Franca foi marcado de propósito pelo José Cabral (Baldão). Disse: já agora, marco eu. Depois desse jogo o *Ribeira Grande* fechou. As expulsões, os castigos, reduziram o lote de jogadores. É preciso perceber, que, apesar do *Águia* e do *Ideal* estarem juntos no *Ribeira Grande*, eles sempre estiveram separados. Manteve-se sempre, entre os adeptos, a velha rivalidade entre *Águia* e *Ideal*.



João Manuel Pacheco Alves

(Testemunho: 14.06.2002. Nasceu a 18.01.1941). Natural da Matriz, iniciou-se nos júniores do *Futebol Clube da Ribeira Grande*. (Nenhum dos demais entrevistados o confirmam). Treinou o *Atlético de São Pedro* até Janeiro de 1963, data em que sai da ilha para cumprir o serviço militar em Angola. Em fins de 1965, inícios de 1966, duas horas após ter regressado do Ultramar, vindo no Funchal, Álvaro Moura, porque o *Ideal* estava a precisar de jogadores, pede-lhe para ingressar naquele clube. Aceita. Acompanhou de perto, ainda adolescente, a vida do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, pois, 'andava muito com o Aurénio Furtado, que era um pau para toda a obra naquele clube, como o tinha sido no *Ideal Novo* e como o seria no *Ideal* seguinte.'



MM: Por que abriu e fechou o Ribeira Grande?

JA: Acharam, Aurénio Furtado, teu pai (Álvaro Moura) e outros, que, para acabar com o futebol sem futuro, pois nem *Águia* nem *Ideal*, apesar dos esforços, haviam conseguido entrar na Associação de Futebol de Ponta Delgada, se se quisesse uma equipa da *Ribeira Grande* a competir com as equipas da Associação, haveria que reunir esforços. Alguns jogadores, até então, porque não existia vínculo com a Associação, jogavam em Ponta Delgada e na *Ribeira Grande*, se se formasse uma equipa filiada naquela Associação a *Ribeira Grande* poderia beneficiar do seu concurso. Parte dos dirigentes esteve de acordo, alguns não, como foi o caso de Viriato Moreira, e creio mesmo que a massa adepta nunca se entregou de alma e coração. É o que se passa com a selecção nacional: apesar de os jogadores jogarem com a mesma camisola nunca esquecem a do seu clube. Nem os adeptos. Foi uma união que não uniu. Com os maus resultados a coisa agravou-se. Piorou com os castigos. Foram-se afastando dos jogos, do clube, o Aurénio Furtado acabou por estar quase sozinho. Havia períodos em que ele se afastava, depois regressava. Nestes períodos o *Ribeira Grande* andava como que por conta própria. Chegou ao fim, sem dinheiro, sem equipamentos de jeito, sem sócios, uma desgraça. Adeptos e mesmo dirigentes do *Águia*, raramente punham os pés na sede, pois esta tinha sido do *Ideal*. O teu tio (Mário Raposo Moura), que tinha sido dirigente do *Águia*, ia lá de vez em quando, mas por necessidade, nunca entrava lá à vontade. Notava-se que não se sentiam à vontade.

Depositaram-se muitas esperanças naquela equipa e o Aurénio Furtado até, para criar um viveiro de jogadores para os séniores, formou uma equipa de júniores, na qual eu participei. Lembro-me que jogámos contra o Micaelense, não me lembro se foi o primeiro jogo e qual foi o resultado, e depois, talvez mais uns dois ou três jogos. Mas isto é melhor perguntares a outros porque já não me lembro bem. À medida que alguns jogadores dos séniores iam sendo castigados ou se afastavam ou eram afastados, foram buscar jogadores aos júniores. Por exemplo: o Manuel Frade foi para suplente do Armindo e depois, por desistência dele, substituiu-o, o Dinis Anselmo, o José Cabral, o Manuel Garcia, o Baltasar Favinha. E outros.

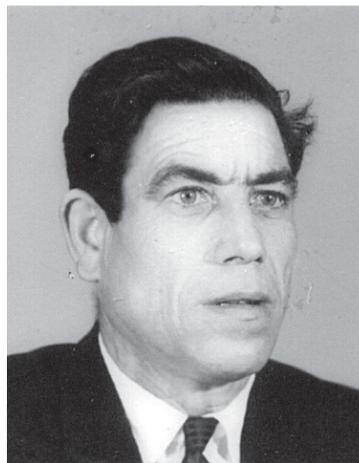
Eng.º Armindo Moreira da Silva

(Testemunho: 15.06.2002. Nasceu em 4 de Agosto de 1935). Saiu da ilha rumo ao Continente no ano de 1953. Regressou à ilha, após estágio em Santa Maria, em 1959. Luís Manuel Cabral, seu primo e Álvaro dos Santos Raposo Moura, convidaram-no a jogar a guarda redes, pois, José Câmara Vieira (Correia) e António Santos (Buraca) não possuíam as habilitações literárias exigidas. Jogou pouco tempo, tendo sido substituído por Manuel Carreiro Moniz (Frade), a quem ofereceu parte do equipamento.



Fernando Torres Santos

(Cabeleira) (Testemunho: 15.06.2002. Nasceu em 4 de Agosto de 1929). Jogou no *Águia* e no *Futebol Clube da Ribeira Grande* do início ao encerramento, tendo ingressado de novo no *Águia* quando este se refundou. Chegou a alinhar pelo *Ideal Novo*. À pergunta por que não deu certo o *FCR Grande*, respondeu: 'Os jogadores aborreceram-se porque o treinador, um que veio depois do capitão Vilhetas, um sargento, metia uns a jogar e deixava outros de fora. Também os resultados não foram famosos. O primeiro jogo ganhámos ao *União Sportiva*, a partir daí foi só perder. Do *Águia* para o *Ribeira Grande* levei as botas, eu e os outros, a minha mãe é que as limpava, e quando saímos para o *Águia* da mesma maneira. Quem estava à frente do *Águia* era o Mário Moura, do *Ribeira Grande* e depois outra vez no *Águia*.'



OUTRO PASSO NA ILHA (continuação da pág III)

e a transformar todo o alimento, segundo um traçado ainda medieval, semelhante ao que encontramos em Óbidos, Évora Monte ou Monsaraz. A grande diferença reside, exceptuando a pequena fortificação cimeira ao porto, em não haver cintura de muralhas. Mas quase podemos dizer que elas estão lá e limitam a vila. Existem de um modo invisível. O que tanto aproxima a vila do simples desenho de uma amiba e, tal como muitas vezes são invisíveis os cónios tentaculares, também aqui o pano da muralha não se consegue distinguir, nem tão pouco são visíveis os interstícios - portas da vila - que a ligam ao resto da ilha. A expansão que sofreu a partir dos finais da segunda guerra mundial teve lugar fora desta unidade urbana e a imagem de amiba que contém a Vila do Porto tem-se mantido na sua estrutura física.

Chegaram ao cair da noite. De jeans, e não com o burel da Ordem, como convém à sua actualidade. O convento, que durante séculos foi a casa dos franciscanos na ilha, era agora pertença do domínio público. Ao quererem regressar a Santa Maria tiveram de procurar nova residência. Confiaram na escolha de um dos padres da ilha, que usando da ancestral desconfiança do clero regular lhes arranhou casa na Almagreira. «Devem ficar longe do mar. O mar é para aqueles que nele trabalham e para todos os outros tem o sentido de um brinquedo de criança. Se quiserem meditar, prefiro sabê-los distantes de um pôr do sol marítimo, se querem rezar, um quarto escuro é suficiente e se quiserem ajudar a comunidade, têm a igreja da freguesia e todo o povo que deles necessitar. Na vila não são precisos.»

Almagreira tem a montanha ao fundo. Fica num vale abrigado. «É tudo muito seco. Chão acastanhado, esmaecido de verde.» Disse João. A única frase que quebrou o silêncio dentro do carro de aluguer que os levou para a nova casa.

De dois pisos. Uma pintura, com o restauro do vermelho das barras, resolveria o mau aspecto exterior. Dentro, era espaçosa. Havia um quarto para cada um. No grande quarto do primeiro andar, de barotes à vista, ficou João. Masseur e Boaventura escolheram, a gosto, entre os dois quartos do piso térreo. Tinham decidido guardar silêncio nos primeiros tempos de Santa Maria. A quem se lhes dirigisse responderiam, mas entre si somente quebrariam esse silêncio se João, a quem deviam obediência, fosse o primeiro a falar.

Entre si distribuíram os trabalhos. João ligou-se à paróquia e dava assistência religiosa. Masseur, o irmão porteiro, recebia quem os procurasse naquela espécie de convento, onde não existia claustro. Fez um pequeno jardim com o auxílio de Boaventura: ibiscos, rosas e hidrângeas. Por todo o lado crescia, espontânea, a margaça.

Ao jardim seguia-se a horta, que ficou entregue a Boaventura. Mas não são estes arranjos domésticos que nos podem interessar. Antes devemos seguir os passos de outras formas de ocorrência na sucessão dos dias e das noites.

Há, perto da Almagreira, sobre uma elevação, um pequeno teatro. Assemelha-se à construção de uma galilé, a que nunca se seguiu uma esperada ermida. Aí terá havido, provavelmente, a representação de autos ou desgarrados cantares que animaram o amplo terreiro fronteiro. Não sei o exacto uso que lhe dão hoje. Boaventura procurava, em muitas noites, o silêncio desse espaço a que somente uma ingenuidade campestre chamaria teatro.

Presentiu, primeiro, como que subindo desde a estrada sinuosa que leva à Praia, a chegada de alguém. «Um anjo.» Pensou. «Seria bom, um anjo.» Esperou acolhê-lo com meio sorriso. É que, de qualquer maneira, anjo ou

não anjo, seria um estranho. Entrou no terreiro a que todos chamam Teatro da Graça, por se situar no topo do morro que é conhecido por Graça.

«Ingenuidade.» Acabaria por dizer frei João, quando Boaventura lhe falasse da chegada desse estranho. Àquela hora todos dormiam em Almagreira e nas casas que ficavam mais próximas do teatro. Um ou outro rapaz de motoretta, não seria de estranhar ou, então, um carro com namorados. Mas a noite estava fria e a qualquer momento podia começar a chover. Quando era assim, deixava-se ficar debaixo do telheiro do teatro, onde havia uma pedra que lhe servia de cabeceira. No seu íntimo chamava à dureza da pedra sacrifício. Mas também no seu íntimo sabia que qualquer ideia de sacrifício que o exaltasse, não era mais do que uma ilusão, nascida de um orgulho cego. Dormir ao relento, ou quase, pois havia a protecção do telheiro, não resultava em dádiva de coisa nenhuma; mas que existiria nele, Boaventura, que pudesse ser dado?

Interrogava-se deste modo, inquieto. A presença de um anjo talvez lhe indicasse a direcção a tomar, para além do cultivo da horta e do auxílio que prestava aos mais idosos. Sentia nesse préstimo uma embriaguez vaidosa, percebia-o agora. E, em boa verdade, ele não era nada e nada tinha consigo que pudesse dar.

A sua frente tinha parado aquele que supusera ser um anjo. Frei João que sabia da nomenclatura dos anjos, ainda se haveria de rir, pensou. O homem que ali estava, e já ia alta a hora da madrugada, era só silêncio. Estava muito escuro, mas o primeiro desfazer do negrume da noite, deu para que percebesse o contorno do corpo. Era um anjo - e ele teimava - inesperadamente forte. O que atenuou o lado de fascínio que podia esperar da presença de um anjo; porque apesar de se lhe poder atribuir um corpo,

Boaventura esperava um ser mais diáfano.

Fechou os olhos, agora que o contorno daquele que surgira se tomava mais visível. E quando os voltou a abrir não viu nada de fantasmagórico. Estava à sua frente um homem que em tudo se parecia consigo; talvez com um ar menos cansado, pois devia ter dormido algumas horas, coisa que não conseguira fazer naquela noite. «Qual anjo. O homem não passava de um simples turista, que viera a Santa Maria nos fins do outono.» Disse para si mesmo, enquanto mostrava o outro meio sorriso que guardara: uma espécie de boas-vindas declaradas sem qualquer temor. Era bem mais real do que a sua ideia de anjo. Não trouxe consigo uma processão de nuvens obscurecendo a lua. De resto, estava-se em lua nova. Não se fez anunciar por um rasto de luz súbita. «Não sei se me chama ou se quer que me afaste. Provavelmente não quer, sequer, que lhe diga nada. Veio até aqui com curiosidade pelo teatro. Bem pouco tem para ver esta espécie de palco de pedra caiada.»

Regressou ao convento. Chamemos-lhe assim, que é o modo como todos se referem a essa casa que em nada se distingue de todas as outras de Almagreira. Ao passar ao lado do homem, cumprimentou-o com um leve inclinar da cabeça e com um «bom dia». Não olhou nunca para trás. Masseur já estava levantado e João preparava o pequeno almoço. Mal se sentou num banco da cozinha, bateram à porta. Um bater inesperado. «Como se fosse a irrupção da Graça», pensou Boaventura. No entanto, não se atrevera ainda a contar o estranho encontro, que nem encontro fora. Masseur abriu a porta. E o homem que aparecera no terreiro do teatro entrou e parou junto à mesa da cozinha. João estendeu-lhe uma tigela com leite. Ele fez um sinal com a mão direita, como

quem agradece, mas não aceita. Agora, Boaventura podia ver bem todos os traços do seu rosto: expressava uma triste impassibilidade que excluía toda a impressão de temor - que não sentira, quando esteve tão perto dele, durante um tempo que não conseguiu avaliar de modo exacto - e, também, segurança, alegria ou tristeza. Era, somente, um homem estranho. A estranheza advinha de uma dificuldade que sentia em fixar-lhe a representação física, a cor dos olhos ou dos cabelos; traços que tão depressa via, como logo de seguida esquecia; e voltava a olhar e de imediato esquecia.

Dirigindo-se a João, o visitante interrogou-o sobre a predestinação. João, sem uma palavra, indicou-lhe a saída. Voltou a bater à porta, e de novo Masseur a abriu. Desta vez pôs a sua dúvida sobre a predestinação a Boaventura, que lhe respondeu:

«É um termo cómodo para designar causas que nos são desconhecidas, quando pela hora da noite, face a face, a imaginação nos conduz para bem longe da minúscula tenda que sustenta o teatro de todo o ser humano.»

O homem, que não passara de uma espécie de passageiro da noite, mais silencioso do que os três monges, abandonou a casa. E certo que sorriu para Boaventura e aceitou a tigela de leite que frei João lhe voltara a estender. Um estranho silêncio perdurou entre os arbustos do jardim e enquanto João, sentado à mesa, apoiou a cabeça sobre um braço desejando sentir o ruído do mar, Boaventura e Masseur olharam um para o outro. E Boaventura disse, sonhador: «Era provavelmente um anjo.» Nunca o vale onde se situa Almagreira pareceu tão profundo. Nunca a colina que lhe serve de anteparo pareceu tão elevada.

João Miguel
Fernandes Jorge

QUANDO ELAS BRIGAM (continuação da pág III)

terminada por procuração, se é que posso dizer assim. Quando duas se travavam de razões e uma delas, por inibição, orgulho ou reconhecimento de incapacidade própria para desforra condigna, se recolhia, tinha a alternativa de recorrer a uma terceira mulher que, não sendo tida nem achada naquele imbróglio, desempenhava, profissionalmente, a função de vingadora. Tratava-se, *in limine*, de uma mercenária a quem, expostas as razões e os anteriores trâmites da questão, era encomendada a descompostura. No dia e hora aprazados, esta terceira mulher acercava-se da que até então se julgara detentora da última palavra e desfechava-lhe os mais duros golpes alocutórios que o seu vocabulário prendado permitia. No caso de serviço ao domicílio - o mais frequente - esta criatura optava pelo caminho mais longo e, enquanto subia ou descia a rua, já ia gesticulando e ensaiando, entre dentes, os impropérios, enfim, o virulento discurso que, mal se abria a porta, se disparava ininterrupta e irresponsavelmente, ante a surpresa da vítima.

Um serviço como qualquer outro que já terá desaparecido dos actuais costumes. É pena?

Talvez.

Maria de Fátima Borges

TRÊS RETRATOS DE S. PEDRO

no pórtico dos *Avós dos Nossos Avós*, ao evocar José Leite de Vasconcelos, seu quase patrício da Ucanha. Tanto num como noutro retábulo, estamos perante o notável impulso criador da pintura portuguesa do século XVI: a composição larga e equilibrada e a observação atenta dos pormenores, a segurança do desenho, a eloquência do colorido, o fulgor das jóias, o tratamento sumptuoso das roupagens e (não esqueçamos o principal) a verdade anatómica e psicológica do retrato. No São Pedro de Viseu e no de Tarouca, é igual a posição do retratado; o modelo é, porventura, o mesmo. Sem, de momento, enveredar na complexa averiguação da autoria, lembro-me da explicação que ouvi de Aquilino: o São Pedro de Viseu, num trono da Renascença, de cabeça erecta, solenemente coberta de tiara, simboliza a autoridade pontifícia, que sairá ainda mais reforçada no Concílio de Trento com o endurecimento teológico e o radicalismo dogmático. Já o São Pedro de Tarouca aproxima-se de nós com a rudeza fisionómica do beirão. Nada mais exacto. Sempre que lá vou reencontro-o com o movimento das figuras dos autos de Gil Vicente e das obras de Aquilino. Podia ter falado e convivido com o Malhadinhas. Não lhe aplicava severas

penitências. Faz parte da minha pinacoteca sentimental outro São Pedro. Revejo-o, para além do mar, na minha ilha sempre tão longe e tão perto. A imagem do altar-mor da Ribeira Seca, da Ribeira Grande, é medíocre. A primitiva foi recuperada numa arrecadação. Julgo ser do final do século XV ou dos começos do século XVI. Talvez seja a mais antiga peça de estatuária religiosa da região dos Açores. Embora muito deteriorada, a falta de dinheiro impediu, felizmente, um daqueles restauros, em Braga e de Braga, onde pintam os lábios, colocando-lhes, ainda, verniz, para não haver dúvidas. Este terceiro Pedro, da Ribeira Seca, da Ribeira Grande, obriga a parar, todos os anos, a ilha inteira. A festa ultrapassa as cerimónias litúrgicas. Dá lugar à realização das Cavalhadas, espectáculo único em São Miguel, no arquipélago e no resto do País. Tem inesgotável força dionisiaca, o impacto do profano no sagrado. Há um caudaloso universo emocional que se comunica da alma do povo à agilidade nervosa dos cavalos e ao esplendor das flores e dos frutos. Nada falta para sentir e viver a terra. De todos, este é, afinal, o meu Pedro.

António Valdemar



Junta de Freguesia
Ribeira Grande
MATRIZ



APOIAMOS O DESPORTO